



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

O DISCURSO DO GÊNERO DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: AS REPRESENTAÇÕES DE LEITOR E AS ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS DE UM QUE FALA PELO OUTRO E PARA O OUTRO

Urbano Cavalcante da Silva Filho (UESC/IFBA)¹
urbanocavalcante@yahoo.com.br
Vânia Lúcia Menezes Torga (UESC)²
vltorga@uol.com

Resumo: O objetivo desta comunicação é apresentar reflexões parciais obtidas pela pesquisa em desenvolvimento no mestrado em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). A pesquisa visa a investigar as representações de leitor subjacentes ao discurso do gênero Divulgação Científica (DC), bem como as estratégias linguístico-discursivas que são utilizadas pelo divulgador como aquele que fala pelo outro e para o outro. Toma como aporte teórico os estudos sobre gênero discursivo (BAKHTIN, MAINGUENEAU, BRONCKART) e sobre divulgação científica (AUTHIER-REVUZ, CAMPOS). As categorias para a análise do problema proposto pela pesquisa estão aportadas nos postulados de leitor e autor-modelo (ECO), a heterogeneidade discursiva, do tipo mostrada e marcada, nas formas de discurso relatado (como o discurso direto e discurso indireto), aspas, itálico, glosa (ALTHIER-REVUZ) e alusão (TORGA). Ancorada numa abordagem qualitativa, com vistas à análise dos resultados de forma descritiva, a presente pesquisa toma como *corpus* os textos constantes da seção *Superrespostas* da Revista *Superinteressante* (Editora Abril) do ano de 2009. Espera-se, com a presente investigação, confirmar a hipótese de que o “público alvo” destes textos (ora designado de “grande público”, “público leigo”, “senso comum”) não se constitui de forma homogênea. Percebe-se, assim, que esse gênero híbrido, com particularidades e riquezas de recursos linguísticos, exige de seus leitores estratégias específicas para a realização de uma leitura crítica e eficiente.

¹ Graduado em Letras (UESC), Especialista em Leitura e Produção Textual (UESC), Mestre em Cultura e Turismo (UFBA/UESC), Mestrando em Letras: Linguagens e Representações (UESC), Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), *Campus* Valença.

² Mestre e Doutora em Linguística (UFMG), Diretora do DLA (UESC), Membro do Corpo Docente do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações (UESC), Professora Adjunta de Linguística do DLA/UESC.

Palavras-chave: Gênero discursivo. Divulgação científica. Estratégias linguístico-discursivas.

Introdução

É evidente a diversidade de atividades sociais exercidas pelos indivíduos, pelos diversos grupos sociais. Em consequência disso, há também uma multiplicidade de produções de linguagem ligadas a essas atividades que os indivíduos desempenham no seu dia-a-dia.

Na escola, no trabalho, na política, na religião, no esporte, na ciência, no jornalismo etc., em todas essas esferas, os indivíduos produzem linguagem, já que esta resulta da interação do homem com o mundo. É importante lembrar que, assim como é inesgotável a variedade de atividade humana, também é infinita a diversidade de produção de linguagem.

Portanto, essa relação entre linguagem e vida social só é possível por intermédio dos gêneros discursivos ou textuais³. Nas palavras de Marcuschi (2005), os gêneros devem ser entendidos como uma noção que faz referência aos textos materializados, com os quais temos contato no nosso dia-a-dia, marcados por suas características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Assim, todas as formas de expressão textual são consideradas gêneros discursivos/textuais.

Dentre o conjunto dos gêneros tidos como potencialmente infinitos e mutáveis (KLEIMAN, 2005, p. 8), temos a divulgação científica, que, na agenda do dia, se coloca como um gênero discursivo que demanda estudos, na medida em que, hoje, ao se refletir sobre o papel da ciência tal como ela se constitui na atualidade, numa sociedade como a nossa, implica pensar também numa discussão que deve levar em conta não só a produção do conhecimento científico, mas também a sua transmissão e a sua reprodução.

O presente trabalho objetiva apresentar reflexões parciais obtidas pela pesquisa em desenvolvimento no mestrado em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). A pesquisa visa a investigar as representações de leitor subjacentes ao discurso do gênero Divulgação Científica (DC), bem como as estratégias linguístico-discursivas que são utilizadas pelo divulgador como aquele que fala pelo outro e para o outro. Toma como aporte teórico os estudos sobre gênero discursivo (BAKHTIN, MAINGUENEAU, BRONCKART) e sobre divulgação científica (AUTHIER-REVUZ, CAMPOS). Neste trabalho, refletiremos muito breve e parcialmente a respeito do funcionamento do fio discursivo do gênero divulgação científica, mais precisamente sobre as categorias de leitor e autor-modelo (ECO, 1994, 1979) e sobre a heterogeneidade discursiva (AUTHIER-REVUZ, 1990).

1. Sobre os gêneros discursivos: breve reflexão

Desde Platão e Aristóteles, a noção de gênero discursivo vem sendo uma preocupação constante entre os estudiosos da linguagem, haja vista as várias classificações que têm aparecido ao longo dos tempos, sob os mais diferentes termos

³ Há uma oscilação terminológica entre os termos *gênero textual* e *gênero discursivo*. São termos considerados equivalentes por muitos autores que abordam o assunto. Nesse trabalho, optamos por utilizar indiferentemente os termos gêneros discursivos e gêneros textuais.

(gêneros textuais, tipos de discurso, tipos textuais, modos/modalidades de organização textual, espécies de texto e de discursos etc.) (BRANDÃO, 2003, p. 35). Dessa forma, essa questão do gênero foi preocupação primeira da poética e da retórica e não da lingüística. Sobre isso Brandão (2003, p. 35) elenca duas razões: primeiro, porque a lingüística, enquanto ciência específica da linguagem, é recente, e depois porque a preocupação inicial foi com as unidades menores que o texto (a exemplo do fonema, da palavra, da frase). Na medida em que ela passa a se preocupar com o texto, começa a pensar na questão da classificação. Essa preocupação se torna crucial quando ela deixa de trabalhar somente com textos literários, mas se volta também para o funcionamento de qualquer tipo de texto.

Em seus escritos, o lingüista russo Mikhail Bakhtin (1992) focaliza sua reflexão no caráter social dos fatos de linguagem. Nessa perspectiva, o enunciado é encarado como produto da interação verbal, determinado tanto por uma situação material concreta como pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma dada comunidade lingüística. Dessa forma, o autor insiste sobre a diversidade das atividades sociais que são exercidas pelos diversos grupos e, conseqüentemente, sobre a multiplicidade das produções de linguagem ligadas a essas atividades. Isso nos permite dizer que é impossível a comunicação verbal a não ser por algum gênero, assim como também é impossível se comunicar a não ser por algum texto. Dito de outra maneira, a comunicação verbal só é possível por algum gênero discursivo⁴. Essa é uma posição defendida por Bakhtin (1992), ao tratar a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais e estruturais. Com essa noção, Bakhtin ratifica a concepção de encarar a linguagem como um fenômeno social, histórico e ideológico, definindo um enunciado como uma verdadeira unidade de comunicação verbal.

Entendemos, portanto, que a riqueza e diversidade das produções de linguagem, neste universo, são infinitas, mas organizadas. Nas palavras de Bakhtin (1992, p. 279-281):

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumprê salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais ou escritos) (...) Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a conseqüente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado.

Dessa forma, Bakhtin estende os limites da competência lingüística dos sujeitos para além da frase na direção dos “tipos relativamente estáveis de enunciados” e do que ele chama “a sintaxe das grandes massas verbais”, isto é, os *gêneros discursivos*, os quais temos contato e vivemos imersos desde o início de nossas atividades de linguagem. Entendemos, com isso, que é impossível a comunicação verbal a não ser por algum gênero, assim como é também impossível se comunicar a não ser por algum texto. Essa assertiva nos autoriza dizer, portanto, que a comunicação verbal só é possível por um gênero discursivo (SILVA FILHO, 2008). Com essa tese, portanto, a língua é encarada em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais e estruturais. Assim, Bakhtin (1992) ratifica a concepção de

encarar a linguagem como um fenômeno social, histórico e ideológico, definindo um enunciado como uma verdadeira unidade de comunicação verbal.

Considerando sob este prisma, os gêneros discursivos não são apenas um conjunto de propriedades estruturais, uma unidade composicional com características e procedimentos formais, mas também são concomitantemente produtos da atividade humana, refletida a partir de condições específicas e de finalidades tanto temática quanto intuitiva, estilística de cada sujeito social. Com isso, não pretendemos secundarizar os aspectos formais, mas, e essa é uma posição defendida por Maingueneau (1996), que é preciso articular, num movimento dialético contraditório, o “como dizer” ao conjunto de elementos enunciativos, porque cada gênero se associa a épocas, a lugares específicos e a um ritual apropriado.

Na atividade social, em cada esfera, em que os indivíduos estão inseridos, eles utilizam a língua de acordo com os gêneros de discurso específicos. Considerando o fato de que os atos sociais vivenciados pelos grupos são diversos, conseqüentemente a produção de linguagem também o será.

Quando um indivíduo fala/escreve ou ouve/lê um texto, ele antecipa ou tem uma visão do texto como um todo “acabado” justamente pelo conhecimento prévio do paradigma dos gêneros a que ele teve acesso nas suas práticas de linguagem. Conforme dito a respeito da riqueza e variedade dos gêneros produzidos pelos indivíduos nas situações sociais, esses gêneros, nas palavras de Bakhtin (1992, p. 279):

As condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua estrutura composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isolado, é claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos de gênero do discurso.

Com base nesse postulado bakhtiniano, o gênero se caracteriza, então, por esses três elementos: o conteúdo temático, o estilo verbal e a estrutura composicional.

Diante dessa contextualização introdutória, discutir a divulgação científica, enquanto gênero do discurso, na acepção bakhtiniana, é também evidenciar que há um jogo de regras, que controlam o funcionamento e a circulação dos discursos sociais. Por isso que não dizemos o que queremos, onde e quando queremos, mas os discursos são organizados socialmente, inserem-se numa ordem enunciativa e são regulados, moldados pelos gêneros que os constituem. Em outras palavras, cada esfera da comunicação social apresenta “tipos relativamente estáveis de enunciados”.

2. Sobre o gênero divulgação científica

Podemos caracterizar a divulgação científica, considerada como um processo de difusão de pesquisas e teorias em âmbito geral, como a re-enunciação de um discurso-fonte (D1) elaborado por “especialistas” e destinado a seus pares em um discurso segundo (D2) reformulado por um divulgador e destinado ao “grande público”.

Constitui-se tarefa não muito simples definir o texto de divulgação científica (daqui em diante DC), pois, de acordo com Sanches Moura (2003, p. 13), “cada

divulgador tem sua própria definição de divulgação”. No entanto, é sugerido o seguinte conceito operativo: “a divulgação é uma recriação do conhecimento científico, para torná-lo acessível ao público”.

Na concepção de Authier-Revuz (1998, p. 107), o texto de DC é uma associação do discurso científico com o discurso cotidiano, sendo que este último favorece a leitura por parte de um número maior de leitores. A autora conceitua divulgação científica como:

uma atividade de disseminação, em direção ao exterior, de conhecimentos científicos já produzidos e em circulação no interior de uma comunidade mais restrita; essa disseminação é feita fora da instituição escolar-universitária, não visa à formação de especialistas, isto é, não tem por objetivo estender a comunidade de origem.

Constitui, portanto, o texto de DC a interseção entre dois gêneros discursivos: o discurso da ciência e o discurso do jornalismo, este último visto como o discurso de transmissão de informação. Para Campos (s/d: 1), esse gênero “é considerado como realização enunciativa marcada pela ação de quem é colocado na posição de *um* ao falar *pelo outro* (o especialista) *para o outro* (não-especialista)” (grifos do autor).

Convém salientar que se trata de um público-leitor distanciado das ciências ou de alguns de seus ramos, ou seja, a divulgação da ciência é veiculada em vários meios de comunicação em que leitores potenciais podem ser leigos em determinados assuntos.

Noutras palavras, é como se o texto de DC operasse uma espécie de tradução intralingual, na medida em que busca uma equivalência entre o jargão científico e o jornalístico. Assim, o gênero em discussão compreende um texto reformulado, o qual pode ter sido originado a partir de um artigo ou relatório acadêmico-científico, de uma entrevista ou até mesmo de uma tradução de um texto em língua estrangeira, direcionado para a população distanciado do vocabulário e das práticas científicas, mas que deseja e necessita do conhecimento das ciências.

Entendemos, com isso, que a DC é uma prática eminentemente heterogênea na medida em que incorpora no seu fio discursivo tanto elementos provenientes daquele que lhe serve de fonte – o discurso científico – quando daquele que pretende atingir – o discurso jornalístico. É, portanto, no limiar entre uma e outra prática discursiva, no espaço do interdiscurso, que a atividade de DC se desenvolve. O diálogo, o contato com o seu exterior discursivo é, aqui, o elemento chave na compreensão do que vem a ser este gênero discursivo.

Segundo Campos (s/d), o gênero de DC exige socialmente a materialização de uma relação dialógica que pressupõe a posição de *um* que delinea uma realização de linguagem determinada pelo *outro* – o especialista – tendo em vista o não especialista na posição alternativa daquele que tem o lugar destinatário de *para o outro*. Nesse sentido, assumir a posição de *um*, como divulgador, é assumir uma dupla exterioridade e uma dupla excedência com o acabamento e a completude provisórios, associados a tal duplicidade. De forma geral, podemos afirmar, pautados nas reflexões de Leibrunder (2003), que o texto de DC, na sua função de vulgarização científica, contrapõe-se ao hermetismo próprio do discurso científico, buscando propiciar ao leitor leigo (não-especialista) o contato com o universo da ciência através de uma linguagem que lhe seja familiar.

2.1 DC: Discurso e funcionamento

Conscientes de que a “língua” dos cientistas é considerada uma “língua estrangeira” para o grande público, concordamos que há, no discurso de divulgação, uma prática de reformulação de um discurso-fonte (D1) por um discurso segundo (D2) - em função de um leitor, “receptor” diferente daquele a quem se endereçava o discurso científico.

Pautados na idéia de que o discurso de DC é considerado um lugar privilegiado de reformulação explícita do discurso, os discursos de DC distinguem-se dos demais “gêneros” de reformulação exatamente pelo quadro da estrutura enunciativa - o D1 não é apenas fonte, mas, sobretudo, o objeto mencionado de D2. Em tais discursos, funciona uma dupla estrutura enunciativa, na qual duas situações, dois cenários enunciativos ficam interligados: por um lado, os interlocutores (cientistas e seus pares) e o quadro enunciativo de D1 e, por outro, os interlocutores (divulgador e público em geral) e o quadro enunciativo de D2.

No nível do fio do discurso, o discurso da DC representa uma ação de colocar em contato dois discursos, uma vez que esse tipo de discurso é constituído pelo discurso científico e pelo discurso cotidiano, no próprio desenrolar da atividade por meio de um fio heterogêneo. É um trabalho pelo e no discurso.

2.1.1 Leitor e autor-modelo de DC

O leitor, enquanto ingrediente do processo de produção e recepção do texto se diferencia do leitor empírico, já que é uma entidade ideal que o texto prevê como colaborador e que também procura criá-lo. A quem Eco (1979, p. 17) denomina de leitor-modelo:

O leitor-modelo (...) não é o leitor empírico. O leitor empírico é você, todos nós, quando lemos um texto. Os leitores empíricos podem ler de varias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como receptáculo de suas próprias paixões.

Maingueneau (1996, p.50) compartilha com a definição de Eco quando afirma que o destinatário da narrativa, e aqui nós deslocamos a reflexão para o destinatário dos textos de DC, não são leitores reais, mas uma certa figura de leitor construída pelo texto através da enunciação do autor.

É importante o estabelecimento dessa distinção, quando consideramos a posição de leitura assumida pelo leitor. A primeira posição caracteriza o leitor de primeiro nível, que ler querendo saber o final do texto, sua conclusão, e a segunda descreve a movimentação que o leitor de segundo nível deve fazer dentro do texto. Nesse sentido, o leitor-modelo de segundo nível é “um conjunto de instruções textuais, apresentadas pela manifestação linear do texto, precisamente como um conjunto de frases ou de outros sinais” (ECO, 1994, p.22).

2.1.2 Heterogeneidade discursiva da divulgação científica

É com base na teoria bakhtiana que fundamentamos nossa discussão, já que esta aponta para a presença do Outro em todos os discursos. Assim sendo, o discurso de DC está permeado pelas palavras alheias.

Nos estudos linguísticos pós-bakhtinianos, Authier-Revuz elaborou uma distinção no campo da heterogeneidade discursiva: heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. Authier-Revuz (1990) considera a heterogeneidade

constitutiva como “todo discurso é constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’”. Já a heterogeneidade mostrada apresenta dois tipos de enunciados: aquele com marcas explícitas e aqueles cujas marcas não são mostradas.

Nos dizeres, verificamos a presença e os valores das vezes alheias. O discurso direto, por exemplo, indica uma outra posição, um outro significado, um outro valor axiológico, advindos do discurso do outro. O discurso direto vem separado da fala do autor por meio de aspas, dois pontos, travessões, itálico e verbos *discendi*, por exemplo.

“Mas calma. Isso não significa o fim do prazer de deslizar a manteiga molinha no pão. É só não abusar: segundo o biomédico Roberto Figueiredo, especialista em higiene de alimentos, a manteiga pode ficar fora por até duas horas.”⁵

“No Brasil, inclusive. ‘A quantidade de animais brasileiros ameaçados só aumentou porque ampliamos nosso radar. Muitas deixaram a lista’, diz Daniela Oliveira, responsável por conservação de biodiversidade do Ministério do Meio Ambiente”.⁶

Como pôde ser visto, é estratégia linguístico-discursiva do autor do texto marcar esse discurso do outro como forma de provar sua neutralidade diante do que está sendo dito, ou marcar a origem do discurso ou o direito autoral. Essa presença do discurso relatado também se presta para, mesmo sendo destacado no discurso (por aspas, por exemplo), marcar o argumento de autoridade. Assim, temos como efeito da utilização desse recurso, uma autenticidade, evidenciando que as palavras foram realmente proferidas pelo seu autor.

Com análise dessas categorias no discurso da divulgação científica, pretendemos perceber como esse discurso (re)atualiza (se podemos dizer assim) o discurso da ciência. Assim, ao comentar o discurso científico, o divulgador (re)atualiza-o em outra ordem, a do senso comum, através de um gesto de interpretação.

4. Considerações finais

Dessa forma, nos textos de DC são perceptíveis as relações entre linguagem e sociedade, exigindo de nós, leitores, estratégias específicas para a realização de uma leitura crítica e eficiente desses textos. E leitor crítico, nas palavras de Brandão (2001, p. 18):

não é apenas um decifrador de sinais, um decifrador da palavra (...) o leitor busca uma compreensão ativa (e não passiva) do texto, dialogando com ele, recriando sentidos implícitos, fazendo inferências, estabelecendo relações e mobilizando seus conhecimentos para dar coerência às possibilidades significativas do texto; (...) b) o leitor crítico é cooperativo, na medida em que deve ser capaz de construir o universo textual a partir das indicações lingüísticas e discursivo-pragmáticas que lhe são fornecidas; c) o leitor crítico é produtivo, na medida em que trabalha o texto e se

⁵ *Manteiga deve ser guardada dentro ou fora da geladeira?* In: Revista Superinteressante, Editora Abril, Edição 270, Outubro de 2009, p. 52.

⁶ *Como se salva um animal em extinção?* In: Revista Superinteressante, Editora Abril, Edição 270, Outubro de 2009, p. 48.

institui como um co-enunciador (...); d) o leitor crítico é, enfim, sujeito do processo de ler e não objeto, receptáculo de informações. É um sujeito que é capaz de estender o ato de ler para além da leitura da palavra, tendo no seu horizonte uma leitura de mundo (no sentido paulofreiriano) que o leve, que o habilite a entender o contexto social, histórico que o cerca e nele atuar com cidadão.

Os reflexos da evolução a respeito dos estudos referentes aos gêneros discursivos (antecipados por Bakhtin há várias décadas) e as relações entre linguagem e sociedade são percebidos nos textos de DC, os quais constituem um gênero que mescla diferentes domínios discursivos, ou seja, discursos advindos de diferentes áreas das ciências com o discurso jornalístico ou, ainda, com o discurso do cotidiano, com a finalidade de adaptar-se aos interesses e às necessidades sócio-históricas dos indivíduos.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de estudos linguísticos**. Campinas: UNICAMP, n. 19: 25-42, jul.; dez. 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da comunicação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Gêneros do discurso e formas de textualização. In: MACEDO, Joselice; ROCHA, Maria José Campos; SANTANA NETO, João Antônio de. **Discursos em análise**. Salvador: Universidade Católica do Salvador. Instituto de Letras, 2003. p. 35-51.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Análise do discurso: leitura e produção textual. In: SANTANA NETO, João Antônio de (Org.). **Discursos e análises**: coletânea de trabalhos. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2001. p. 11-22.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 1999.
- CAMPOS, Edson Nascimento. **Gênero, Discurso, Persuasão e Gramática**. [s/d] (mimeo).
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. [Trad. de Hildegard Feist]. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. **Lector in fabula**: a cooperação interpretativa no texto literário. Lisboa: Editorial Presença, 1979.
- LEIBRUDER, Ana Paula. **O discurso de divulgação científica**. In: BRANDÃO, Helena Nagamine (Coord.). **Gêneros do discurso na escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 2. ed. [Trad. Freda Indursky]. Campinas, SP: Pontes, 1996.
- SÁNCHEZ MORA, A.M.S. **A divulgação da ciência como literatura**. 14. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- SILVA FILHO, Urbano Cavalcante da. **“A propaganda é a alma do negócio?”** Uma proposta lingüístico-metodológica de trabalho com o texto publicitário nas aulas de língua materna. Ilhéus, BA: UESC, 2008.